

Uma investigação sobre o ensino da oralidade e dos gêneros orais no primeiro ano do ensino fundamental.

Loredana Ciaramella Casadei¹

Luzia Bueno²

Resumo

Através deste trabalho procura-se compreender, como se dá, no cotidiano de uma sala de aula do primeiro ano do Fundamental, o ensino-aprendizagem dos gêneros orais. Desenvolvido junto ao PPGE da Universidade São Francisco, nosso principal objetivo é investigar o ensino dos gêneros orais por uma professora dos anos iniciais. Objetivos específicos foram elencados para auxiliar nesta tarefa como: identificar as representações da professora sobre o ensino de gêneros orais; identificar os gêneros orais mobilizados em seu trabalho; analisar as dimensões da oralidade trabalhadas. Para tanto, realizaremos uma entrevista semiestruturada com a professora, também analisaremos os semanários de um mês de aula e os materiais didáticos empregados. A pesquisadora também terá um diário de campo, fazendo anotações das observações das aulas em que forem trabalhados os gêneros orais. Na análise dos dados, verificaremos quais dimensões da oralidade foram abordadas e quais capacidades de linguagem foram mobilizadas e apresentadas aos alunos.

Palavras-chave: Oralidade; Gêneros orais; Interacionismo sociodiscursivo.

1. Introdução

No componente curricular de Língua Portuguesa, a BNCC propõe oportunizar aos alunos “experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.” (Brasil, 2018a, pp. 67-68). Também se verifica que, “não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir” (Brasil, 2018a, p. 68).

Conforme a BNCC, o eixo da Oralidade compreende:

¹ Universidade São Francisco, loredana.ciaramella@mail.usf.edu.br

² Universidade São Francisco, luzia.bueno@usf.edu.br

I Fibape

22 A 24 de setembro de 2025

As práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, web conferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. (BRASIL, 2018a, p. 81)

Mas será que as propostas da BNCC têm chegado até a sala de aula? Posto isto, esta pesquisa propõe a compreender como se dá o ensino da oralidade e dos gêneros orais no dia a dia de uma professora dos anos iniciais.

Espera-se compreender se e como o conceito dos gêneros orais descritos na BNCC tem chegado até a professora e como ela tem trabalhado o tema na prática. Para este intuito, a presente pesquisa tem como objetivo geral investigar no contexto de uma sala de aula como se dá o ensino da oralidade e dos gêneros orais no dia a dia de uma professora dos anos iniciais. Para auxiliar na obtenção do objetivo geral, alguns objetivos específicos foram elencados como: identificar as representações sobre o ensino de oralidade e de gêneros orais de uma professora dos anos iniciais; identificar os gêneros orais mobilizados em seu trabalho e analisar as dimensões da oralidade trabalhadas em um dado período de tempo.

Realizamos um levantamento bibliográfico junto ao Catálogo de teses da Capes para verificar pesquisas em andamento relacionadas ao tema, pois, “as revisões bibliográficas do tipo Estado do Conhecimento, Estado da Arte ou Meta-Investigação são importantes instrumentos que contribuem no acompanhamento histórico da produção do conhecimento, demarcando temas ainda pouco estudados”. (Vasconcellos; Nascimento Da Silva; De Souza, 2020, p. 9). Como afirma Teixeira (2023, p.5) as revisões (bibliográficas) iluminam aspectos-chave na construção do objeto de pesquisa, ajudam a definir problemas e objetivos e auxiliam a composição do próprio referencial teórico (marco teórico conceitual) adotado para dar suporte ao trabalho de pesquisa”.

Primeiramente utilizamos os termos “oralidade, gêneros orais e sala de aula dos anos iniciais” e, em um segundo momento, utilizamos os termos “oralidade, gêneros orais e o trabalho do professor em sala de aula”. Na primeira pesquisa, encontramos 4 trabalhos referentes aos anos 2007, 2012, 2022 e 2023. Já no segundo levantamento, encontramos 28 trabalhos entre os anos de 2009 e 2023. Observando os títulos que compõem as duas pesquisas, verificamos que os 4 trabalhos encontrados na primeira, também constam inseridos na segunda pesquisa. Dessa maneira, concluímos que encontramos 28 trabalhos.

Como nosso intuito é pesquisar sobre os gêneros orais da BNCC e o trabalho do professor dentro de uma sala de aula nos anos iniciais, delimitaremos a leitura dos resumos das teses e dissertações a partir de 2018, que foi o ano da promulgação da BNCC. Desse modo, ficamos somente com 8 trabalhos, sendo 4 do ano de 2021 e 4 do ano de 2023.

Analisando os resumos das 8 dissertações, encontramos os seguintes resultados: 3 trabalhos referentes ao 6º ano; 2 trabalhos referentes ao 9º ano; 2 trabalhos referentes ao Ensino Médio e 1 trabalho referente ao 4º ano.

Podemos verificar, então, baseado em nosso critério de pesquisa que somente um trabalho foi encontrado referindo-se aos anos iniciais. Este trabalho nos fala sobre as práticas de leitura oralizada de narrativas infanto-juvenis, ou seja, como propõe a autora, o objetivo seria “...nessa pesquisa demonstrar o efeito da compreensão oral de textos lidos no desenvolvimento da fluência em leitura oral”, contrapondo ao nosso objeto de estudo que é o trabalho com a oralidade/gêneros orais dentro de uma sala dos anos iniciais. Tendo um olhar mais aprofundado para o referencial teórico que a autora utiliza, vimos que essa pesquisa vai ao encontro da nossa, com a utilização da concepção de gêneros textuais de Dolz e Schneuwly (2011) de que também faremos uso.

Verificou-se que ainda não há pesquisas que trazem a voz dos professores em evidência sobre este assunto. O que os professores têm feito no seu dia a dia; quais são suas principais dificuldades; se conseguem colocar em prática o que está descrito no material didático, são pontos a serem ouvidos e, é por isso, que o tema proposto aqui torna-se importante, pois, pode ajudar a saber onde é preciso investir em pesquisas para contribuir com a prática dos professores.

2. Fundamentação teórica

Compreendendo a importância dos gêneros orais e da oralidade para a construção da cidadania, a linguagem só pode ser concebida a partir das interações sociais mediadas por práticas discursivas com base no Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 2006), contudo, verifica-se que no Brasil, os gêneros orais não são valorizados como a escrita, pois, tem um lugar muito limitado para desenvolvê-los dentro da sala de aula.

Mas, afinal, o que é o oral?

O oral compreende a voz, a entonação, a acentuação, o ritmo empregado na produção de fonemas, sílabas, palavras, frases, em textos que podem variar entre um oral espontâneo até uma escrita oralizada. (Magalhães; Bueno; Storto; Costa-Maciel, 2022).

I Fibape

22 A 24 de setembro de 2025

Esta temática é tão rica e importante que muitos professores acabam não dando a devida importância e, tomam a oralidade como certa, algo que a maioria das pessoas tem pleno domínio, que todos sabem como proceder, pois, “tudo se passa como se essa forma tivesse sempre estado lá.” (Schneuwly e Dolz, 2011, p.24). O oral, sendo uma das primeiras habilidades aprendida pela criança, se torna negligenciado pela escola que considera que, quem sabe falar, o faz não importando a esfera social que precise transitar.

Mas, como desenvolver as capacidades de linguagem oral ligadas a circulação dos saberes, a vida profissional e à cidadania? Que linguagem oral trabalhar? (Dolz; Schneuwly; Haller, 2011, p. 126). Nesse sentido, Bueno (2009, p.10) nos afirma que “se queremos ensinar os nossos alunos a agirem na sociedade por meio da linguagem, precisamos ensinar-lhes a usar os gêneros textuais, orais ou escritos, adequados a cada situação de comunicação; assim, ensinando os gêneros, levaremos nossos alunos a desenvolverem as capacidades de linguagem”, pois, a oralidade é um objeto a ser ensinado e aprendido. Assim como Marcuschi (2008), Dolz e Schneuwly, também consideram que os gêneros da oralidade são pertinentes para a produção escolar: eles orientam os estudantes a se portarem em condições concretas de sociointeração. (Magalhães; Bueno; Storto; Costa-Maciel, 2022).

Levando em conta as considerações acima, é preciso pontuar: O que é o gênero? Bernard Schneuwly, em sua obra “Gêneros e tipos do discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas”, pontua que o gênero é um instrumento e que a apropriação do instrumento pela criança, pode ser vista como um processo de instrumentalização que provoca novos conhecimentos e saberes, que abre novas possibilidades de ações, ou seja, “prepara a criança para dominar a sua língua nas situações mais diversas da vida cotidiana”, (Dolz, Noverraz, Schneuwly 2004, p.93) dessa forma, o aluno vai construindo seu “arsenal” particular de saberes, melhorando sua capacidade de fala e escrita. Sob esta ótica, consideramos os gêneros como instrumentos que nos auxiliam na comunicação. Logo, Dolz, Schneuwly e Haller, estabelecem que:

A ação de falar realiza-se com a ajuda de um gênero, que é um instrumento para agir linguisticamente. É um instrumento semiótico, constituído por signos organizados de maneira regular; esse instrumento é complexo e compreende diferentes níveis. Eis por que, às vezes, o chamamos “megainstrumento”, para dizer que se trata de um conjunto articulado de instrumentos... (2011, p. 143)

Dentro desta infinidade de modalidades com a qual pode-se trabalhar os gêneros orais, procura-se saber se os alunos dos anos iniciais têm sido contemplados com a oportunidade de conhecer como e em que momento deve-se utilizar cada um destes, pois, eles muito contribuem para a construção dos sentidos dos textos e dos discursos.

I Fibape

22 A 24 de setembro de 2025

(Magalhães; Bueno; Storto; Costa-Maciél, 2022). Como apontamos anteriormente, Schneuwly declara que o gênero é um instrumento ou ferramenta e que a apropriação do instrumento/ferramenta “prepara a criança para dominar a sua língua nas situações mais diversas da vida cotidiana” (Dolz, Noverraz, Schneuwly 2011, p.93). E a vida cotidiana se dá (acontece) através das interações sociais.

O Interacionismo Social, defendido pelo psicólogo Lev Vygotsky, nos fala que “as condutas humanas constituem o resultado de um processo histórico de socialização, possibilitado em particular pelo surgimento e desenvolvimento de instrumentos semióticos” (Bronckart, 2023), isto é, da linguagem, imagens, cores, movimentos e músicas. Sendo assim, a linguagem e a interação social se complementam, significando que, para que haja uma interação é preciso que a linguagem intermedie esta relação.

Baseado na teoria de Vygotski sobre o Interacionismo Social, Jean Paul Bronckart, na década de 1980, juntamente com outros estudiosos surge com o Interacionismo sócio-discursivo (ISD), esclarecendo que o homem se desenvolve sim através das interações sociais e, que a linguagem oral é a grande responsável por esse desenvolvimento. O gênero é considerado uma ferramenta de aprendizagem que permite ao aluno ter acesso a algumas de suas significações e, se ele as interioriza desenvolve suas capacidades languageiras. (Dolz e Gagnon, 2015, p. 36)

A fim de que os alunos desenvolvam essas capacidades é importante que o professor se atente às várias dimensões da oralidade que podem ser trabalhadas em sala de aula, conforme propõe Leal (2022):

Quadro 1 - Dimensões do ensino da oralidade

(1) Relações entre fala e escrita	(a) Oralização do texto escrito
	(b) Semelhanças e diferenças entre textos orais e escritos
	(c) A oralidade como apoio à produção escrita
	(d) A escrita como apoio à produção oral
(2) Variação linguística	(a) Respeito à variação linguística
	(b) Comparação de textos quanto à variação linguística e reconhecimento dos fatores de variação linguística
	(c) Adequação do modo de falar às situações de interação

I Fibape

22 A 24 de setembro de 2025

(3) Reflexões sobre práticas orais	(a) Reflexões gerais sobre práticas de uso da oralidade
	(b) Reflexões sobre os gêneros orais
	(c) Reflexões centradas em especificidades da produção oral
(4) Produção e compreensão	(a) Produção de textos orais para atender a diferentes finalidades, monitorando a própria fala
	(b) Escuta atenta
	(c) Reflexões sobre as situações de interação e planejamento da produção textual
	(d) Avaliação das situações e dos textos orais produzidos e suas condições

Fonte: Leal (2022)

Partindo desse conjunto de saberes, o trabalho com a oralidade e os gêneros orais terão maiores condições de contribuir para o desenvolvimento dos alunos e mesmo do professor.

3. Metodologia

A presente pesquisa se dará em uma escola da rede particular de ensino estabelecida no município de Jundiaí. A escola atende o público infantil a partir dos 18 meses até adolescentes que frequentam o Ensino Médio, sendo 443 alunos o total de crianças/adolescentes atendidos pela escola no ano letivo de 2025. A escola utiliza a metodologia canadense de ensino bilíngue, onde os alunos desde a mais tenra idade são protagonistas no processo de ensino-aprendizagem e os professores são facilitadores desse processo. A escolha da escola se deu por ser o local de trabalho da pesquisadora, sendo que a pesquisadora atua na Educação Infantil e a pesquisa será realizada nos Anos iniciais do Ensino Fundamental.

A professora convidada a fazer parte da pesquisa tem 51 anos, formou-se em Pedagogia no 1º semestre de 2019 e no mesmo ano conseguiu uma vaga para lecionar nesta escola. Em 2023 fez uma especialização em Psicopedagogia. Já trabalhou no 4º ano por 2 anos; na Educação Infantil assumiu as turmas do Jardim II (última série do Ensino Infantil) por 4 anos e neste ano, leciona pela primeira vez, em uma turma do 1º ano, com aproximadamente 20 alunos.

I Fibape

22 A 24 de setembro de 2025

Iniciei nesta escola no ano de 2014 por conta do inglês como assistente de professor. Antes de iniciar na escola, nunca havia pensado em lecionar para crianças e, após 01 ano trabalhando nesta área decidi ingressar no curso de Pedagogia, pois, tinha me “encontrado” e gostaria de um dia ter minha própria sala de aula. Em 2019 assumi minha primeira classe como professora titular em uma turma de crianças de 4/5 anos. Desde lá sempre trabalhei com turmas da Educação Infantil e, pelo terceiro ano seguido leciono para as turmas do Jardim II (5/6 anos).

4. Geração de dados

A geração de dados será feita através de uma entrevista semiestruturada com uma professora dos anos iniciais e também, a partir da análise dos semanários de um mês de aula, bem como, dos materiais didáticos empregados. Além disso, a pesquisadora terá um diário de campo, no qual fará anotações das observações de aulas que assistirá, conforme será determinado pela professora. Desse modo, os dados serão constituídos por: entrevista semiestruturada com a professora; semanários; materiais didáticos empregados; diário de campo da pesquisadora com as observações sobre a sala de aula.

5. Procedimentos de análise dos dados

Na análise dos dados, procuraremos verificar que dimensões da oralidade foram abordadas e que capacidades de linguagem podem ter sido mobilizadas e apresentadas aos alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental anos iniciais, assim como, qual a percepção da professora sobre os gêneros orais e oralidade.

Agradecimentos

A minha orientador Prof. Dra. Luzia Bueno, ao grupo Alter Lege, que contribuiu com as discussões sobre as bases teóricas da pesquisa e a USF, instituição que me apoia com a bolsa de estudos BDC.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, p. 68-135, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 11 julho 2024.

BRONCKART, J-P. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Organização Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

BUENO, L. Gêneros orais na escola: necessidades e dificuldades de um trabalho efetivo. **Revista Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.** Juiz de Fora, v.11, n.1, 2009.

BUENO, L; ZANI, J.B.; JACOB, A.E. (2021) Das apresentações orais (produção e compreensão) na BNCCda educação básica as comunicações orais no Ensino Superior. **Revista da Abralin**, v.20, n.3, p. 1500-1524, 2021.

DOLZ-MESTRE, Joaquim, GAGNON, Roxane. O gênero de texto, uma ferramenta didática para desenvolver a linguagem oral e escrita. In: **Gêneros Oraís no Ensino**. L. Bueno & T. da Conceição Costa-Hübes (Ed.). Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 23–56.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. Ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2011. p.81-108.

Dolz, Joaquim; Pasquier, Auguste; Bronckart, Jean-Paul. L’acquisition des discours: émergence d’une compétence ou apprentissage de capacités langagières? **Études de Linguistique Appliquée**, n. 102, p. 23-37, 1993.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. Ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2011. p.125-155.

Leal, Telma Ferraz. Reflexões sobre o ensino da oralidade na escola: o oral em documentos curriculares, livros didáticos e na prática docente. **Veredas - Revista de Estudos Linguísticos**. Juiz de Fora, vol. 26, n. 1, p. 26-51, 2022.
DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2022.v26.37801>.

MAGALHÃES, T.G; BUENO, L; STORTO, L.J; COSTA-MACIEL, D.A.G. Um decálogo para a inserção da oralidade na formação docente. **Veredas - Revista de estudos linguísticos**, v.26, n.1, 2022.

MARCUSCHI, L. A. Nove Teses para uma Reflexão sobre a Valorização da fala no Ensino de Língua (A propósito dos "Parâmetros Curriculares no Ensino de Língua Portuguesa de 1ª a 4ª série do 1º Grau Menor"). **Revista da ANPOLL**, [S. l.], v. 1, n. 4, 1998. DOI: 10.18309/anp.v1i4.284.» <https://doi.org/10.18309/anp.v1i4.284>.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “Estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 6, p. 37-50, dez. 2006

SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. Ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2011. p.19- 34.

VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de; NASCIMENTO DA SILVA, Anne Patrícia Pimentel; DE SOUZA, Roberta Teixeira. O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento. **Educação**, [S. l.], v. 43, n. 3, p. e37452, 2020. DOI: 10.15448/1981-2582.2020.3.37452. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/37452>. Acesso em: 2 nov. 2024.
